

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 109, outubro/novembro - 2021

## O PARAÍSO DE BRANCA \*

Fabio de Sousa Coutinho

*É célebre, e já se tornou clássica, a máxima do inigualável Jorge Luis Borges sobre a paixão livresca: "Sempre imagino o paraíso como uma grande biblioteca".*

Amigos,

**C**onvocados pelo Presidente José Peixoto Júnior, reunimo-nos, nesta noite de outono, para celebrar a incorporação, ao espaço físico de nossa querida e quase cinquentenária Associação Nacional de Escritores, de mais uma gleba do paraíso.

Refiro-me à instalação, nas dependências da ANE, da biblioteca particular de Branca Borges Góes Bakaj, composta de seis mil preciosos volumes, com ênfase em obras das literaturas de língua portuguesa.

Por iniciativa generosa de Mário Bakaj e de suas filhas, nossa entidade, que Branca

presidiu por quatro mandatos consecutivos, de 1997 a 2005, passa a abrigar um valioso acervo, enriquecido ao longo de mais de cinco décadas de dedicação aos livros e à literatura, como professora universitária, Diretora do Arquivo Histórico do Senado Federal, escritora, conferencista e, por último, mas não menos importante, leitora infatigável, curiosa e entusiasta do movimento editorial brasileiro e de outras plagas.

Dama das letras de convívio suave e sedutor, a carioca Branca Bakaj integra as principais instituições acadêmicas da capital de nosso país, a elas emprestando o brilho de sua sólida cultura humanística e o fulgor de sua fina erudição literária.

Tais virtudes sobressaem, de modo incontestável, ao se percorrer as estantes que ora se mudam de uma casa de Branca para outra casa de Branca.

Aqui na ANE, ao se batizar uma sala de leitura com seu nome tão honrado e tanto admirado, cria-se, efetivamente e para sempre, caríssimo Mário, uma extensão do lar feliz dos Bakaj. Tal circunstância nos dá a certeza de que, com os livros, pelos livros e para os livros, fica mantida e preservada a extraordinária convivência que aprendemos a cultivar com a pessoa, a cidadã e a intelectual exemplar que é Branca Bakaj.

Como disse José Mindlin, um dos maiores bibliófilos que o Brasil já conheceu, "... num mundo em que o livro deixasse de existir, eu não gostaria de viver!" A ampliação da Biblioteca da ANE, com a criação da Sala Branca Bakaj, nos assegura uma existência mais longa e generosa, precursora do paraíso borgiano.

\*Palavras do então Secretário Geral da ANE, por ocasião da inauguração da Sala Branca Bakaj, em 19.4.2012



ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

INSCRIÇÃO

Na forma e para fins do art. 13 do Regimento Interno, é declarada a vacância da Cadeira n.º XXXVIII (patrono: Raul de Leoni), vaga pelo falecimento da acadêmica Branca Bakaj.

Fica aberto o prazo de 30 (trinta) dias a contar desta publicação para inscrição de candidatos ao seu preenchimento, os quais deverão satisfazer as condições exigidas pelo art. 2.º do Estatuto Social.

As inscrições serão feitas na secretaria da Associação Nacional de Escritores – ANE, SEP Sul 707/907, Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer, tel. 3242-3642.

Brasília, DF, 11 de outubro de 2021

Fabio de Sousa Coutinho  
Presidente

## DO CERCO DO PORTO À BALAIADA: AS GUERRAS DE IVO

Vera Lúcia de Oliveira

**B**alaio era um homem manso e pacífico, respeitador do governo do menino Pedro II. Balaio era o apelido de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira. E de anjos ele entendia: tinha duas filhas lindas, lindíssimas. Dois anjos. Filhas e mulher fabricavam com suas mãos delicadas cestos e balaios, negócio da família que prosperava. Balaio era feliz em sua vida pacata. Até o dia em que viu o que não devia, ou seja, o que dois soldados do Capitão Raimundo Guimarães – a quem abrigara – fizeram com suas filhas.

Assim Manuel Francisco entra na guerra que se chamou Balaiada, insurreição armada de 1838-1840 no Maranhão, protagonizada pelos grupos rivais Bem te vis e Cabanos, liberais e conservadores, perseguidos e perseguidores, respectivamente. Luta política de negros escravizados (quase metade da população do estado), vaqueiros e outros trabalhadores contra os donos de terra, prefeitos e juizes, desencadeada pelo vaqueiro Raimundo Gomes, o Cara Preta, ao libertar o irmão da cadeia e ganhar adesão até da guarda policial. Luta de pretos e brancos, de pobres e ricos que se estendeu pelo Pará, Piauí e Ceará e contou, em sua repressão, com a mão de ferro de um certo coronel Luís Alves de Lima e Silva, mais tarde Duque de Caxias. Assim mergulhamos na história do Maranhão e do Brasil – não sem antes mergulhar também na guerra do Porto, em Portugal, onde o intrépido Dom Pedro I, que abdicara do trono brasileiro, disputava o poder com o irmão Dom Miguel. E Ivo estava lá.

Continuação na pág. 4

# RETROSPECTIVA LITERÁRIA

Ariovaldo Pereira de Souza

A pandemia que assolou a humanidade nos propiciou, no isolamento, a rever nossas publicações. Recordando, devo inferir, a princípio, que a geografia é nossa vocação predileta e assim deslizei por muitas paragens e estradas para a consecução de nosso objetivo. Revisitei meu livro *Síntese Histórica do Rio Grande do Sul* e também, da mesma forma, o outro sob o título *Geografia do Rio Grande do Sul*, como o fiz igualmente com o mais recente *Geografia do Distrito Federal*, para finalmente, lembrar a publicação de *Uma Viagem pelo Folclore Brasileiro*. Assim foi necessário deslizar por vários e muitos caminhos discorrendo sobre fatos, mapas, e fotos nos seus menores detalhes, por muitos desconhecidos. Falávamos, inicialmente, sobre a saga gaúcha em seus primórdios, na segunda metade do século XIX, quando querendo derrubar a Monarquia de D. Pedro II no tempo em que o Rio Grande do Sul foi uma breve república durante a Guerra dos Farrapos; reexaminando o *Geografia do Rio Grande do Sul*, enfatizando, com ênfase de destaque para sua introdução nominando-a como *Exercício de História e Geografia*, entendendo que na literatura a geografia é tão importante quanto a história, sobretudo quando se trata do histórico período situado no extremo meridional das presumidas possessões lusas na América, o Continente de São Pedro, que por muito tempo ocupava os mapas setecentistas como uma vasta planície sem pontos de interesse quer topográfico quer populacionais. Como afirmávamos em outras publicações, a geografia e a história sempre nos fascinaram, e foi assim que adentramos, também, nos caminhos percorridos por idealistas que sonhavam ver a capital do país no coração territorial do Brasil. A saber, portanto, que o desejo do Marquês de Pombal, em 1751, que se somou ao sonho de São João Bosco, vaticinando a terra fértil entre os paralelos 15° e 20°, onde nasceria uma nova civilização, culminando, portanto, com a construção de Brasília, que vive e reina entre as grandes

capitais do mundo, por Juscelino Kubitschek de Oliveira. (*Geografia do Distrito Federal*). Sem nos distanciarmos do tema e ao mesmo tempo incluindo-o em nossas revelações, sobretudo porque a geografia e a história se complementam ainda que outras ciências prevaleçam, por isso tratamos aqui do Folclore que nosso livro sintetiza na geografia de sul a norte do país. Este livro que se refere ao folclore brasileiro revela a história constituída pelos anseios, aspirações, e esperança de um povo; é a proteção às manifestações da criação popular nas várias regiões da terra em que o homem vive; é a ciência que estuda todas as manifestações espontâneas do povo, tudo que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações. O folclore brasileiro, um dos mais ricos do mundo, formou-se ao longo dos anos, primeiramente por índios, brancos e negros. O Brasil possui um folclore riquíssimo, sendo impossível entrar em detalhes aqui. Ao se falar do folclore de cada região brasileira, faz-se uma pequena introdução através de sua geografia, história e elementos sociológicos e regionais.

## VIDA PLENA

sôniahelena

Quando a vida  
passa a ser feita  
muito mais  
de saudades e lembranças  
que de sonhos e esperanças  
é que já  
se viveu  
tudo.

(Do livro *Ofício: trovador* – 2014)

## Soneto do Mês

ROMANCE  
*Ronald de Carvalho*



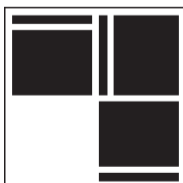
Na névoa da manhã, tranquila e suave,  
vieste do fundo incerto do passado;  
ainda tinhas o mesmo passo de ave,  
e o mesmo olhar magoado...

Entre os rosais vermelhos, tua boca  
era a rosa mais linda e mais vermelha;  
e como, em torno dela, inquieta e louca  
ia e vinha uma abelha!

Mas não paraste, como antigamente,  
nem me estendeste a leve mão dolente,  
a leve mão de irmã.

Passaste... E, pelos campos, que alegria!  
pássaros, águas, plantas, tudo ria  
na névoa da manhã...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA  
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente:  
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
Secretário-Geral: Sônia Helena  
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto  
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha  
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira  
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira  
Diretora de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 109 – outubro/novembro 2021

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303  
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# A ÁRVORE AMOROSA

Antonio Carlos Secchin

Sessão da Saudade da ABL, em 19.8.2021

**M**eu contato inicial com Bosi deu-se sob forma de letra impressa, quando ingressei na graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, em 1970, ano da primeira edição de sua notável *História concisa da literatura brasileira*. Hoje, 51 anos e 42 edições depois, esse livro permanece como guia indispensável para o conhecimento panorâmico de nossas letras, referência bibliográfica incontornável em todos os cursos que ministrei na Universidade até minha aposentadoria.

Porém, se esse é o título mais conhecido da vasta produção de Bosi, não podemos de modo algum omitir várias outras contribuições relevantes que a ele devemos. Entre elas, sem ser exaustivo para não exauri-los, cito seus atilados estudos renascentistas; cito a extrema sensibilidade para com o fenômeno poético demonstrada em *O ser e o tempo da poesia*, de 1976; a coletânea de ensaios, de 1988, *Céu, inferno*, em que ele transita com desenvoltura entre temas brasileiros e italianos, não tivesse o escritor, nascido em São Paulo no ano de 1936, iniciado a carreira universitária, em 1959, como assistente de literatura italiana da USP. Cito a renovadora leitura da formação de nosso processo literário levada a cabo em *A dialética da colonização* (1992); o erudito percurso crítico-teórico estampado em *Ideologia e contraideologia*, de 2010. Outros textos igualmente sofisticados, envolvendo as relações de história e arte, constituem a tônica em que se assentam *Literatura e resistência*, 2002, e *Entre a literatura e a história*, de 2013. Fiel às grandes afinidades eletivas, publicou, por fim, em 2017, *Três leituras – Machado, Drummond, Carpeaux*. Machado, aliás, já estivera quintuplicamente representado na bibliografia de Bosi, na qual se registram a organização e introdução dos *Cuentos*, de 1978, pela prestigiosa Coleção Ayacucho, de Caracas; *O enigma do olhar*, de 1999; *Machado de Assis*, 2002; *Brás Cubas em três versões*, 2006, e o volume *Machado de Assis*, da série Essencial, da ABL, de 2010.

Mestre no ensaio, mestre em sala de aula, recebeu merecido tributo com o livro, de 2018, *Reflexão como resistência – homenagem a Alfredo Bosi*, conjunto de 62 textos em interlocução direta ou transversal com sua obra. Tive a honra de participar dessa coletânea com o ensaio “Os filhos de Machado de Assis”.

Essa evocação me conduz inevitavelmente à história de nossa amizade. Pois, se conheci Bosi em 1970, posso dizer que conheci Alfredo em 1999, na banca de um concurso de livre docência na USP, com imediata e recíproca simpatia. Na mesma Universidade atuei em duas outras bancas, sob a acolhedora e impecável presidência do amigo.

Se nome é destino, não custa lembrar que a etimologia atribuída a Alfredo é a de “conselheiro engenhoso”. Muito me beneficiei de algumas ponderações que dele ouvi, em diferentes etapas da vida, numa convivência que progressivamente se estreitou, patenteada, por exemplo, nos 139 e-mails que trocamos sobre os mais diversos assuntos, mensagens todas elas devidamente preservadas na memória de meu computador.

Serei sempre grato ao amigo que, em 2002, prefaciou meu livro *Todos os ventos*, um retorno após quinze anos de silêncio poético contra o qual Alfredo se insurgia. Grato a ele também pela presença na Faculdade de Letras da UFRJ, em 2011, no evento de despedida de minha carreira docente.

Dentre nossos temas comuns, decerto avultava a Academia Brasileira de Letras.

Acompanhei de perto, com entusiasmo, a campanha que culminou em sua eleição. Estive na cerimônia em que Bosi se tornou o sétimo ocupante da cadeira 12, em 30 de setembro de 2003, na sucessão de Dom Lucas Moreira Neves.

Num magnífico pronunciamento, percorreu, sem exceção, toda a galeria dos predecessores. Ao fazer o elogio do seu antecessor imediato, declarou: “reafirmou-se, em minha consciência de amador da História, a convicção de que o caráter de um homem é a somatória de todos os seus atos; e que é um grato dever ajuizar o semelhante pelos seus momentos de alta tensão ética, isto é, por aquelas ações cuja prática torna a pessoa digna dos seus próprios valores”.

Falando de Dom Lucas, falava de si. O gesto político firme e corajoso em prol dos desfavorecidos e na defesa de valores democráticos sempre foi uma constante na trajetória pessoal e pública de Alfredo Bosi, que por anos presidiu a Comissão de Ética da USP. Vinculado à corrente progressista do catolicismo, assim se expressou no discurso de posse: “O adolescente que eu era estava à procura de um cristianismo que não voltasse as costas para o mundo conturbado da História, mas militasse no sentido de humanizar e, no limite, superar as estruturas iníquas do capitalismo selvagem que já então se fazia visível em toda parte e, especialmente, no Terceiro Mundo”.

Minha eleição para a Casa, em 2004, encontrou em Alfredo, desde a primeira hora, um apoiador constante e fiel. Fiz questão de que a ele coubesse a entrega de meu diploma de posse, homenagem mínima a quem me incentivara de modo máximo.

Embora menos longa do que todos desejaríamos, foi frutífera a passagem de Bosi pela Academia, traduzida em palestras proferidas em nossos ciclos, na participação efetiva em diversas comissões, na autoria do já citado volume *Machado de Assis*, e na organização de um excelente catálogo comentado das publicações acadêmicas, que veio à estampa em 2015.

No plano internacional, merece destaque o

lançamento, em 2014, da edição portuguesa de *A dialética da colonização*, no âmbito de um convênio entre a ABL e a editora Glaciar. Em Lisboa, tive a alegria de integrar a mesa-redonda de lançamento do livro. A seguir, fomos a um restaurante. Na ocasião, sem nenhuma pompa ou pretensão literária, movido apenas pelo puro afeto, não resisti a ler um singelo poema que escrevera horas antes em louvação a ele, à esposa Ecléa e à filha Viviana, ali presentes: “Se o vinho traz a verdade, / Primeiro me vem à ideia / Erguer com felicidade/ Um brinde à querida Ecléa./ Respeitando o protocolo/ Na sequência deste enredo,/ Levantemos nossa taça/ na celebração de Alfredo./.../Mas retornando ao Brasil/ O coração mais se ufana/ Porque além de Alfredo e Ecléa/ Eis aqui também Viviana”.

Peço a Viviana e a seu irmão João Alfredo que me considerem integrante espiritual da mesma fraterna família. Minha justificativa da demanda reside no fato de que, desde minha entrada na ABL, Bosi, carinhosa e paternalmente, passou a chamar-me de Benjamim. Tal palavra, como sabemos, designa tanto o membro com menos idade de um grupo, quanto o filho mais jovem da família. Não sou o mais novo; no entanto, reivindico o posto de mais recente membro de uma desejável confraria, ABL, ou seja, Admiradores de Bosi e Literatura.

Nas estantes de minha biblioteca, a letra de Alfredo se espraia em nove volumes autografados. Além dessas dedicatórias a mim dirigidas, encontram-se outras, tipográficas, de natureza mais íntima. No livro *Reflexões sobre a arte*, de 1985, escreve: “À memória de meu pai, Alfredo Bosi, violinista e gravador”. Em *Ideologia e contraideologia*, lê-se: “Para Ecléa, estrela guia. Para Viviana, José Alfredo, Tiago e Daniel, constelação de afeto”.

O brilho da estrela guia extinguiu-se em julho de 2017. Bosi faleceu em abril de 2021, mas não seria exagero afirmar que Alfredo começou a desviver a partir da perda de Ecléa, amparado, porém, pela luz que dela ainda se refletia na sólida e solidária constelação do afeto familiar.

No belo livro póstumo *A casa e outros poemas*, de 2018, a poesia tão discreta de sua mulher finalmente se desvelou. Em comoventes versos, Ecléa vislumbra uma herança capaz de resistir ao desaparecimento do homem amado: “Vem ó morte e devasta o solo amargo/ Em que me debati na inútil lavra./ Ele partiu, chovia a madrugada.// .../ Ah! Madrugada de raiz chuvosa.../ Cresta com teu sabor de gelo as ervas/ Mas deixa a grande árvore amorosa.”

Na colheita dos saborosos frutos de sua obra, haveremos sempre de encontrar o mais sábio e seguro abrigo, sob a sombra e a lembrança dessa “grande árvore amorosa” e frondosa chamada Alfredo Bosi.

# DO CERCO DO PORTO À BALAIADA: AS GUERRAS DE IVO

Vera Lúcia de Oliveira

Mas quem é Ivo?

Ivo da Costa Moraes e Andrade é o protagonista e narrador principal de *Balaiada* (São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2021), romance de Ronaldo Costa Fernandes, que revisitou essa que foi uma das muitas revoltas do período inicial da nossa história após a Independência do Brasil que, em 2022, completará seu bicentenário. História de lutas com direito a rapto de mulheres, como o de Helena de Troia, figura mítica do imaginário ocidental, bem como a volta de Ulisses depois de longa ausência e muitas batalhas e, para apimentar, há um amor que não ousa dizer o nome.

Ivo era estudante em Coimbra numa época em que as famílias brasileiras abastadas mandavam seus filhos para estudar Direito na milenar instituição da cidade, a Universidade de Coimbra. Foi com má vontade que Ivo se formou. Lá, conviveu com o amigo de infância, Nunes, cuja relação de amizade e rivalidade se estenderia por toda uma vida. Frente e verso da moeda. Herói e vilão. Gato e rato. Estão sempre juntos e separados por ideais, interesses e caráter. No Cerco do Porto, em que ambos lutaram ao lado de Dom Pedro I, Ivo conviveu ainda com aqueles que mais tarde seriam os grandes escritores portugueses do século 19, Alexandre Herculano e Almeida Garrett, a quem muito admirava. Todos empenhados na mesma luta. Já no Rio de Janeiro, Ivo foi amigo de Joaquim Manuel de Macedo, que se tornaria célebre com o romance *A moreninha*, obra que daria início à prosa do nosso Romantismo, em 1844. É a literatura falando da literatura. Dessa forma, a ação do romance transcorre em Portugal e no Brasil, lugares onde Ivo viveu e conheceu: Coimbra, Porto, Rio de Janeiro, São Luís, Caxias e outros mais, de onde testemunhou os acontecimentos. Principalmente na fazenda Macaúbas, propriedade da família, que um dia virou terra arrasada e foi o gatilho para Ivo revoltar-se, pegar em armas e ir à luta com os rebelados.

E é sobre a revolta de Balaio e de Ivo, que representa a de todos os que lutaram por mudanças, que queremos falar. E ninguém melhor do que Albert Camus para saber de revolta, pois em seu livro extraordinário *O homem revoltado* (1951) analisa em profundidade, como grande pensador, essa difícil questão. Para começar, pergunta: “O que é um homem revoltado?” E responde: “Um homem que diz não.” Mas “também um homem que diz sim”. Esclarece e exemplifica em seguida esse “sim” e esse “não”: um escravo que percebe que “as coisas já duraram demais”, que até aí – chega de sim –, vê-se

diante de uma fronteira que diz “há um limite que você não vai ultrapassar.” Prossegue Camus:

Desta forma, o movimento de revolta apoia-se ao mesmo tempo na recusa categórica de uma intromissão julgada intolerável e na certeza confusa de um direito efetivo, ou mais exatamente, na impressão do revoltado de que ele “tem o direito de...”. A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão. É por isso que o escravo revoltado diz simultaneamente sim e não.

Camus nos diz ainda que calar-se é deixar que acreditem que nada se deseja. Mas rompendo esse silêncio, o homem escravizado mostra que deseja e julga. E se rebela: “Caminhava sob o chicote do senhor, agora o enfrenta.” E diz mais: “Antes morrer de pé do que viver de joelhos.”

Acompanhando o raciocínio de Camus, identificamos na narrativa de *Balaiada* uma recusa dos escravos no Maranhão em aceitar essa condição humilhante, a partir do momento em que se toma consciência do valor da liberdade. A consciência vem à tona com a revolta. E o mais belo raciocínio de Camus é o que diz, como vimos na *Balaiada* de Ronaldo, que, na revolta, o sujeito defende um direito, um valor que está acima de si próprio, pois em todo ato de revolta há a identificação com o outro. “Na revolta, o homem se transcende no outro, e, desse ponto de vista, a solidariedade humana é metafísica.”

Não foi de outra maneira que lemos a história dessa revolta em que escravos quebraram correntes centenárias rompendo abusos e desumanidades, que não há palavras que as definam ou justifiquem. Ler esse livro é, além do prazer da arte da literatura, ir do passado ao presente (os tempos se alternam), informar-se sobre os acontecimentos da história do Brasil, muitas vezes escamoteados pela máscara de uma gente cordial, no sentido de ordeira e pacífica, que não se rebela. As revoltas foram muitas no período pós-Independência: no Norte, no Nordeste e no Sul, pois não foi sem dor que a sociedade aceitou o domínio e as leis draconianas do primeiro momento da nossa independência, que guardavam ainda os interesses e a tirania de Portugal ocultos sob o grito “Independência ou Morte”, em 7 de setembro de 1822. Depois do grito só faltava a independência...

Finalizando, temos em *Balaiada* uma leitura que nos coloca em meio a uma guerra que não pode ser esquecida. Uma guerra de homens revoltados em busca da liberdade e da justiça, que colocaram acima de suas vidas. Um movimento de todos, não egoísta, como disse Camus.

## ÀS TRÊS GRAÇAS

Mardson Soares

A Flor que conheces

dá-te o discernimento.

Entre o ruído contido no silêncio de Dédalos

e a gota do orvalho na ausente primavera

há um hino.

Que surge e ressoa a boa nova das Musas.

A Bahia aponta para o mundo

e para si mesma. Troféu da alegria.

O Rio, Mulher brasileira e Flor parisina.

Brasília é o Lácio. Alva, Bela e Gloriosa.

Doma o empréstimo da Língua

e como pólen tropical germina. Brasília.

Oh, Deusas brasileiras,

adornai o Olimpo com vossos cânticos.

O Trópico foi erigido em seus bailados.

Entre vinho e licor de cajus.

Bossa Nova, Samba e Chorinho.

## SOLO DA PAIXÃO

Antonio Cicero

O solo da paixão não dura mais  
que um dia antes de afundar, não mais  
que esta noite ou esta noite e um dia  
e o clarão da noite antes de amargar.

Um dia solar eu vou lhe entregar:  
Que ela sequestre o mundo por um dia  
(um dia só será que já vicia?)

Depois devolva tudo: terra céu e mar.

# COM HEBE RÔLA, EM MARIANA

Danilo Gomes

“Mas, como o humano é frágil e perecível, teremos sempre de buscar ao redor de nós pessoas que amaremos e por quem seremos amados: privada de afeição e de simpatia, a vida não tem qualquer alegria.” (Cícero, na obra “Lélio ou A amizade”)

Já não estou mais em Brasília, no ano de 2021, esperando a vacina contra a Covid-19 para os idosos, como eu. Já não sou mais o pai de um filho, uma filha, e o avô de dois netos e duas netas. Entro numa nave do tempo, imaginada por Leonardo da Vinci ou Júlio Verne e volto à minha infância. Regresso ao ano de 1948 e essa nave fabulosa me deixa em Mariana. Estou novamente na minha cidade natal, na aurora casimiriana da minha vida. Volto a ter 6 anos de idade. Sou um menino de calça curta, pasta escolar na mão, e saio de casa, na Avenida Salvador Furtado, perto da torrefação e da Pensão Souza, de D. Ritinha e Sô Altivo. Vou para a aula particular da jovem professora Nívia Maria Santos, na Rua Direita, nº 1, no solar dos pais dela, colado à Sé Catedral.

Subo a rua onde moram José Dias e família, Canuto Muzzi e família, Wilson Petrillo e família, Celestino e Didina e família. Passo pela sede do Guarany Futebol Clube, num sobrado que foi dos meus avós maternos, Pedro e Sinhá Motta. Em frente ao Guarany, o sobrado de Paulo Muzzi e família. Ali perto é o solar de Benjamin Lemos e família. Dobro à esquerda e entro na Rua Direita, famosa pelo comércio. É a nossa Rua do Ouvidor (Rio de Janeiro). É a nossa Rue Saint Honoré ou a nossa Rue Vivienne (Paris). O movimento ali é intenso. É uma rua alegre. O menino caminha sozinho para a aula particular de D. Nívia. Passa em frente ao solar da família de Waldemar de Moura Santos. Passa na venda de Nico “Fidirico” e compra uma deliciosa cocada preta, que vai saboreando a rua afora. Comprou-a com uma moedinha com a efígie de Getúlio Vargas. Como eu disse, corre o ano feliz de 1948. A guerra acabou desde maio de 1945. As bandas de música marianenses, União XV de Novembro e São José, sempre tocam dobrados marciais que lembram as vitórias dos Aliados sobre os países totalitários do Eixo Berlim-Roma-Tóquio.

O menino chega ao sobrado do dentista Américo Vespúcio dos Santos e D. Lili, pais da jovem professora Nívia, que estudou no Colégio Providência, fundado em 1849. Sobe as escadas e vai para o salão das aulas particulares, para aprender o abecedário, as primeiras letras e frases, a tabuada e noções de coisas.

No trajeto, o menino se encontrou por acaso, naquela rua mágica e animada, com a jovem

professora Hebe Maria Rôla, também formada no Colégio Providência. Todos se encontravam, se cruzavam naquela rua onde se ouvia o piano da professora D. Tereza Braga – um compasso, uma **polonesa** de Chopin, uma valsa dolente de Eduardo Souto. Era naquela rua o sobrado de Celso Arinos Motta, com suas quatro sacadas de pedra sabão rendada, onde morou, no século XIX, o Barão de Pontal. Era naquela rua o solar onde morou o poeta Alphonsus de Guimaraens, por 15 anos, até sua morte em 1921. Era naquela rua que ficavam a farmácia de Amâncio Arinos de Queiroz e a padaria de José Eufrásio do Nascimento.

A aula terminou. Desço as escadas do sobrado das irmãs Nívia e Vera, ponho os pés novamente na Rua Direita. São 4 horas de uma alegre tarde solar. Ouço os sinos da Sé, de onde vem um olor de incenso – o Cabido dos Cônegos deve estar reunido. São os sinos que também encantam a moça professora Hebe Rôla, que vejo entrando na gráfica e papelaria dos irmãos Queiroz. Sô Abdo Nahim, na porta de sua loja, acena e sorri para os transeuntes. Sai de seu sobrado, com seu chapéu preto, o grave e venerável Sô Leandro Mol. De repente me deparo com o amável e festejado professor de latim, de apelido Punô (Lauro Moraes, na água do batismo).

Tietié Gambá passa vendendo suas verduras no grande balaio e canta que “comprador é manga de coleté”. Sô Ivo passa, dando altas, estriidentes e sonoras gargalhadas. Lá embaixo, à beira do Ribeirão do Carmo, a seriema encantada de D. Ritinha Souza canta esgançada e, lá do alto das igrejas de São Francisco e Carmo, a famosa e ruidosa araponga da casa de Monsenhor Alípio dá suas marteladas na bigorna. A araponga passa o dia na varanda, que tem quatro janelas anteriores pintadas de um azul colonial.

O tempo vai passando. Na ampulheta da eternidade a areia vai escoando lenta e inexoravelmente. A jovem professora Hebe começa a lecionar. Um dia, por volta de 1949, ela recebe um chamado. Um portador de confiança diz que seu parente Geraldo Rôla Carneiro, jovem fazendeiro viúvo, solicita que ela dê aulas particulares para suas filhas Elizabeth (Betty) e Jeanete, lá em Dom Silvério, na Fazenda da Vargem. A esposa de Geraldo (Inhô), Maria Mol Soares Carneiro, faleceu aos 27 anos, vítima de eclâmpsia, por ocasião do parto do quarto filho (o terceiro é José Geraldo, muito pequeno ainda).

Hebe, um dia, faz a mala e vai para a Estação Ferroviária, inaugurada em 1914. Ei-la agora

dentro do velho trem de ferro, a caminho da Fazenda da Vargem. Vai ensinar as primeiras letras a Betty e a Jeanete, com quem, muitos anos depois, me casei em Belo Horizonte, na igreja do Carmo, em 12-12-1970. O pai quer preparar as meninas para o internato do Colégio Maria Auxiliadora, em Ponte Nova. A professora se hospeda na fazenda. Nos fins de semana, vai para a fazenda de um tio, Caetano Rôla; é a Fazenda do Caeté, perto de Barra Longa. Desfruta o delicioso ambiente rural, pastoril. Além das cavalgadas e dos passeios de charrete, há também os bolos, broas, biscoitos, rapaduras, garapas, lombos de porco com tutu de feijão, leitões assados, linguças e chouriços, queijos e doces. E o cheiro acre e bom de curral, perto do paiol e do monjolo.

Onde ficou o menino marianense, que gostava de cocada baiana preta e picolé de coco? Ele agora completou 10 anos e foi mandado para estudar interno no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, onde permanecerá em 1953 e 1954. Depois, por dois anos, estudará interno em Ouro Preto, no Colégio Arquidiocesano.

O tempo continuou passando. O antigo menino Danilo e a jovem professora Hebe tornaram-se amigos. Pertencem à mesma geração. A família do antigo menino era do PSD (Partido Social Democrático) e frequentava o clube e o campo de futebol do Guarany. A família da jovem professora era da UDN (União Democrática Nacional) e frequentava o clube e o campo de futebol do Marianense. Entretanto, as rivalidades, as animosidades, os entreveros, as quizílias políticas nunca abalaram a crescente amizade. O amor a Mariana era maior que a acirrada luta política. Era e é um amor apaixonado.

Assim, Hebe Rôla e eu construímos uma sólida e maravilhosa amizade, que o gosto pela literatura e pela história de nossa terra reforçou. Tenho acompanhado com alegria sua vitoriosa trajetória como professora, educadora, acadêmica e escritora. Sou muito grato pela “graça do seu convívio e de sua afeição”, como escreveu Rachel de Queiroz referindo-se ao colega escritor (e grande escritor) Gustavo Corção (Rio, 1896-1978).

Esta modesta e singela crônica não comporta um enfoque biobibliográfico da nossa poetisa, contista, cronista, pesquisadora, folclorista e professora, atual Presidente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes e titular de outras entidades culturais. Seu incessante trabalho cultural nosso povo conhece bem. Quero apenas registrar que ela se integrou

ao grupo poético Aldravia, ao lado de Gabriel Bicalho, J. B. Donadon- Leal, Andreia Donadon Leal e J. S. Ferreira. E que participa do livro *Crônicas e contos de escritoras marianenses*. Neste livro, estão, além de Hebe Rôla, Andreia Donadon Leal e Magna Campos. Nos seus contos e crônicas, Hebe Rôla evoca figuras que marcaram nossa infância e mocidade, como Ritota, China, Fanci Caiu, Chiringa, e ainda conta casos estudantis, nos leva numa inesquecível viagem de trem até Congonhas do Campo e conta a história da parturiente Branca e de seu briguento filho Noezim, criado com “leite de cobra”. Eu diria que são casos da nossa “aldeia”, palavra que aqui não tem o sentido pretensamente pejorativo de arraial ou lugarejo sem importância. Fernando Pessoa chamava sua Lisboa natal, carinhosamente, de “minha aldeia”.

A propósito, lembro-me aqui de um dos muitos livros do escritor Napoleão Valadares, mineiro nascido no ano de 1946 em Arinos, que não é nenhuma aldeia. Esse livro de deliciosas crônicas intitula-se *Passagens da minha aldeia* (Goiânia, Editora Kelps, 2007) e dele destaco este trecho, que abre a crônica “Minha aldeia”:

“Tento recompor na memória o que foi Arinos. O tempo que focalizo é ali por 1954, quando ingressei no grupo escolar, que tinha como professor Zé de Galdino. Mas isso é outra história. Quero falar do lugar, como era naquele tempo.”

Vou terminando. Esta é apenas uma modesta crônica memorialística, com um tanto de fantasia lírica, de um velho *gaveteiro* da beira do Ribeirão do Carmo e do Morro do Galego, da Ponte de Tábuas, da Ponte de Areia e da Ponte de Cimento e também do armazém de Sô Miro, do posto de gasolina de Raul Almeida e do Rancho dos Tropeiros de Sô Catinho Camêllo, pai de bela filharada.

Na pág. 17 de seu delicioso livro de crônicas *Couves da minha horta*, publicado em 1949 pela Editora José Olympio, o cronista, memorialista e historiador carioca Vivaldo Coaracy, que morou por muitos anos na paradisíaca Ilha de Paquetá, escreve:

“Sob a suave evocação dos suaves crepúsculos da ilha, sobe a maré crescente das reminiscências. Surgem do passado, para povoar a solidão, episódios e figuras que a saudade arranca ao domínio dos fantasmas. Uns suavemente melancólicos; risonhamente alegres, outros. Impressões que a vida deixou gravadas no cérebro ou no coração.”

A maré crescente das reminiscências. É o que sinto ao escrever sobre minha querida amiga Hebe Maria Rôla Santos e nossa geração.

Sim, pacientes e amáveis leitores, vou terminando, mas voltando às origens, à primeira Capital de Minas, à Primaz de Minas (**urbs mea celulla mater**). Entro mais uma vez na cápsula interestelar do tempo e desço de novo em Mariana. É uma clara manhã azul. Encontro Hebe no Jardim de Cima. Convido-a a dar uma volta comigo pela cidade, da Chácara e dos altos da arquiepiscopal igreja de São Pedro até o Barro Preto e seu cruzeiro, lembrando-nos dos amigos que já partiram, como Jeronymo Athos Mol Santos, Salimzinho Mansur, Roque Camêllo, Pequetita e Pequenina Antunes, Miguel Ozanan de Almeida, João Décio Trópia, Paulo Godoy, José Raimundo Figueiredo, Luizinho Camêllo, Janete Nahim, Emanuel Muzzi, Nilo Ribeiro Leite, Roberto Carvalho, outros mais. Vamos dar uma volta pela Estação Ferroviária, para ver o trem misto chegar, apitando e bufando. Vamos até o Jardim de Cima, para contemplar o singelo coreto, entrar no Cine Theatro Central (nosso inesquecível Cinema Paradiso) para ver de novo “Casablanca” ou um bom e barulhento faroeste com Charles Starrett (o Durango Kid) ou Roy Rogers.

Mas isso não é possível, querida amiga Hebe Rôla – só nas nossas lembranças, na evocação da nossa mitologia pessoal afetiva, nas nossas memórias de um tempo feliz que passou.

(...)  
Flávio R. Kothe

Escuto  
Vós falais e falais  
Da vossa voz gostais  
Fico mudo.

Da bengala  
O toque na pedra  
Escuto  
E calo.

Da pedra  
A fala muda  
Muda minha fala  
Cala.

Com os micos  
Do quintal converso  
Eles entendem a fala  
Da banana.

Na rede  
Embalado a fala que cala  
Sóis em fiapos  
Acenam.  
(...)

## SONETOS DE BASILINA PEREIRA

### SONETO UTÓPICO

Quero um amor que caiba na distância,  
com sorriso de oásis no deserto  
qual brisa que me afague o rosto perto  
e lembre aqueles cânticos da infância.

Quero um amor sem nó ou intolerância,  
feito a chama que traz o lume certo:  
tela plena, sem mancha ou mesmo excerto,  
rato e carinho em toda circunstância.

Quero, sim, dentro d’alma crença forte,  
só calor camuflado num olhar  
feito dor, que se dá sem qualquer corte.

E caso não seja esta a minha sorte,  
e a lua não quiser no céu morar  
que uma estrela brilhante me conforte.

### SONETO POÉTICO

A poesia é uma parte do poeta,  
ventura que ele exhibe sem saber,  
mensagem que dispensa o exegeta,  
magia que acalenta o entardecer.

Das linhas do poema surge a seta  
que induz qualquer soneto a florescer,  
quartetos e tercetos eis a meta:  
o aedo forja em versos seu prazer.

Se a tônica não logra o ponto certo  
da palavra no verso que se intenta  
é hora de buscar outro artifício.

Rima rica manter ali por perto,  
no cuidar da linguagem bem atenta  
pra fechar com metáfora este ofício.

# LITERATURA E MEMÓRIA

M. Paulo Nunes

Retomo a leitura de Saramago, através de seu *Diário – Cadernos de Lanzarote* (Cia. das Letras, 1997), lançado entre nós e que me chega às mãos graças à diligência do estimado amigo Celso Barros, que o trouxe de Brasília e lhe valeu uma noite naquela cidade, sem bagagem, à maneira do personagem de Eça em *A Cidade e as Serras*, Jacinto, o príncipe da Grã Ventura, como o denomina o narrador, ao chegar a Tormes, no seu reencontro com a terra natal.

Foi o caso que não tendo encontrado o livro em suas andanças pelas livrarias da capital, lembrou-se de procurá-lo na do aeroporto ao embarcar, onde se quedou entre livros, sua paixão, além do tempo permitido, não tendo ouvido os avisos de embarque e assim ter perdido o voo de volta. Só o caro Celso é capaz de gestos como este.

Nele encontro, na nota de 13 de janeiro, a seguinte observação:

“A experiência pessoal e as leituras só valem o que a memória tiver retido delas. Quem tenha lido com alguma atenção os meus livros sabe que, para além das histórias que eles vão contando, o que ali há é um contínuo trabalho sobre os materiais da memória, ou, para dizê-lo com mais precisão, sobre a memória que vou tendo daquilo que, no passado, já foi memória sucessivamente acrescentada e reorganizada, à procura de uma coerência própria em cada momento seu e meu. Talvez essa desejada coerência só comece a desenhar um sentido quando nos aproximamos do fim da

vida e a memória se nos apresenta como um continente a redescobrir.” (Ob. cit., pp. 457-8)

Perfeito. Nos grandes romancistas a memória constitui o universo vivo na técnica romanesca. Veja-se o que ocorre em Proust em *À la Recherche...* Depois de viver uma vida de dissipações nos salões da *belle époque*, um belo dia abandona tudo, recolhe-se à sua residência num quarto forrado com cortiça para nem sequer poder ouvir os ruídos exteriores, e reconstitui, valendo-se da memória involuntária, todo o tempo passado, mediante a evocação de acontecimentos, fatos, instantes e personagens que povoavam o mundo policolor de sua existência. O resultado foi uma obra de arte perdurável, das mais perfeitas de todos os tempos.

Que fez o nosso Machado de Assis com a memória? Deu-nos em *Dom Casmurro* e nas *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, para citar apenas suas obras fundamentais, toda a reconstituição de um passado guardado intacto na memória e por ele convertido em obra perene. E restaurando pela memória os acontecimentos passados o faz com tal fidelidade e maestria que, através deles, reconta-nos toda a vida pululante da sociedade do II Império, como nenhum historiador seria capaz de fazê-lo.

Revelou-me um excelente professor de História que aconselha seus alunos a lerem o autor do *Memorial de Aires* para poderem ter uma visão perfeita do II Império.

E o grande Eça de Queiroz, o que faz em obras imperecíveis como *Os Maias* e *A ilustre Casa de Ra-*

*mires* senão reconstituir o passado guardado na lembrança? No primeiro caso, através da história de uma família, reconstitui a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX, com o seu romantismo, o seu constitucionalismo postiço e os seus modismos de importação. No segundo, restaura o velho Portugal, desde as origens do reino, através da crônica dos Ramires, uma velha família que se entronca nas origens da nação, feita pelo fidalgo da Torre de Santa Irineia, Gonçalo Mendes Ramires.

E o que fizeram os demais, Cervantes, com o *Dom Quixote*, restaurando fora de época, a cavalaria andante, Balzac, com a *Comédia humana*, Zola com os *Rougon-Macquart*, senão reviver o passado pela memória?

E modernamente, o velho Graciliano Ramos e José Lins do Rego, imbricando no seu passado a vida de seus personagens e dando-nos obras-primas, como *Angústia*, *Vidas Secas*, *Fogo Morto*, o que fizeram senão viver pela memória de sua arte pobre o drama da condição humana em nosso sofrido nordeste, no qual ainda hoje abundam os Fabianos e os Vitorinos Carneiro da Cunha, vítimas da violência dos soldados amarelos?

É esta igualmente a lição que se colhe na própria obra de Saramago, de modo especial em romances como *Memorial do Convento*, sua obra capital, *A Morte de Ricardo Reis*, *História do Cerco de Lisboa* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em que a memória é aquele continente a redescobrir de que nos fala a mencionada nota de seu *Diário*.

## PENSAMENTO

Vili Santo Andersen

Punhos cerrados  
braços cruzados  
olhos fechados.

Assim...  
a poesia desencantada pergunta:  
por que tenho a esperança  
dessa forma  
exilada em mim?

Agressão ou defesa?  
A mariposa sabe que vai morrer  
e voa inutilmente  
em volta da lâmpada acesa.

## SONETILHO DESTRAMBELHADO

Anderson Braga Horta

Sinto saudades de mim,  
de um eu que em mim se projeta,  
que foi mãe, que foi atleta,  
guerreiro, louco ou afim.

Desse outro eu que em mim decreta  
de um eu absoluto o fim,  
desses outros eus, enfim,  
sente saudade o poeta.

Que dizer da multidão  
dos eus que fugindo vão  
por sótãos, furnas, confins?

Pessoas outras e a mesma?  
— Desintegrado abantesma,  
eus com saudades de mins.

# O PENSAMENTO, ESSE IMPROVÁVEL MISTÉRIO

Paulo Madeira

**P**roibido, em plena Pandemia, de reunir amigos para “jogar conversa fora...”, partimos para (só e por escrito) jogar pensamentos fora...

Pra começar, PENSAMOS que quando os “homens primitivos” se perceberam portadores de aptidões pensantes eles “não pensaram duas vezes...” e começaram a usar esse fantástico instrumental e, assim, enriqueceram suas vidas. Conforme muitos estudiosos, eles deveriam esse fenômeno da natureza, o PENSAMENTO, a **casual mutação** em ancestral muito mais primitivo. Por outro lado, pessoas imaginosas, sem a obrigação de ofício de serem isentas *palpitam*, supõem, acreditam que esse dom teria sido presente dos céus, e vindo já pronto e acabado...

Independente de qual das duas possibilidades acima tenha sido o fato verdadeiro, pensamos nós, a seguir, que eles, os homens primitivos, quiseram ENTENDER por que a mãe-natureza às vezes ficava zangada, amedrontadora, incompreensível etc.

Depois disso, pensamos ainda que para esse importantíssimo entender eles precisaram AGUÇAR mais o pensamento, e o fizeram exercitando-o, fortalecendo e diversificando essa nascente capacidade. E, depois de lentíssimos progressos, eles devem ter chegado a comportamentos parecidos com o nosso método (científico) do ENSAIO & ERRO. Uma façanha deles, antes de nós... Quem diria...

Veja. Esse método era (para eles) como é (para nós), por definição, TATEANTE, ERRANTE, INCERTO... Por isso, imaginamos nós que aqueles “primitivos” (que também já imaginavam...) INTRODUZIRAM **ELEMENTOS INTRUSOS, CLANDESTINOS no PENSAR**. (Assim como nós ainda hoje fazemos quando ostentamos fantasias, mitos, crenças, ideias preconcebidas, sacados todos da imaginação). Por isso, muito mais tarde, indivíduos mais perspicazes perceberam que era preciso disciplinar o **PENSAR**. E cuidaram disso, dessa benéfica evolução, luminares como Sócrates, Aristóteles e recentemente Descartes, Bacon (séc. XVII) e tantos outros. E com eles ficamos sabendo que o que muito AINDA atrapalhava o PENSAR MODERNO era o PENSAR ATÁVICO, o qual continha aquele tal “elemento intruso”.

Mas que “elemento intruso” era esse? Era o “Pensamento Mágico”, que se caracteriza por imaginar (e acreditar) que é possível INTERVIR na Natureza e nela fazer acontecerem coisas extranaturais, por força (literalmente!) de rituais, amuletos etc. E Sigmund Freud ainda não havia chegado para mostrar que tais “pensamentos” são enganosos, porque são “mágicos” apenas no sentido figurado (ou nas “cabeças” ingenuamente crentes de seus crentes...).

Por falar nisso, e **as crenças religiosas?** Ah, estas também são bem diferentes daquele **ideal** filosófico-científico, de Sócrates etc. Por quê? Porque tal **ideal** não *trabalha* com o fator FÉ (em “revelações” divinas, transcendentais). Ao contrário, considera que, filosoficamente, é IMPRÓPRIO aceitar (sem provas) e “botar fé” em explicações imaginosas. Em vez disso, mais seguro será tomar como VERDADES apenas as que possam ser aprovadas por “vistoria” de critérios filosófico-científicos. Ou seja, racionalmente.

Mas, como fazê-lo? Observando, formulando hipóteses (e, não, dogmas!) e confirmando-as via EXPERIMENTAÇÃO (e desprezando-as sempre que infrutíferas). Portanto, começando por INDUÇÃO, ao invés de por DEDUÇÃO teórica com fulcro em premissas apriorísticas (imaginadas).

Enfim, por tudo isso, o PENSAR dos “primitivos” só poderia mesmo ter evoluído TATEANDO e muito, muito, muito LENTISSIMAMENTE!!! Mesmo assim, eles obtiveram progressos que foram se somando e se ACUMULANDO, além de elementos outros, práticos, estruturantes de suas culturas foram se consolidando em costumes, habilidades, utensílios, adereços, armas, *papéis* sociais, hierarquias, organizações, etc.

E eles se transformaram em nós, os “civilizados”, nós que nos achamos tão MELHORADOS, apesar de nossas Histórias darem conta de que tantas vezes muito temos sido maus, aproveitadores (dos mais fracos), escravagistas, guerreiros, saqueadores, opressores e praticantes de tantas outras atitudes desabonadoras.

Terão sido CAMINHOS como esses planejados (ou previstos e permitidos) por algum “Bom Deus”? Ou será que tais DESCAMINHOS são incoerentes, incompatíveis com a hipótese, a crença em “nosso” dito “Deus-Amor”?

E a NATUREZA, como procede? Ah, nela não se veem indicações de projetos com prévias metas (éticas ou não) para serem atingidas, metas essas que, assim, seriam **TELEológicas**. Menos ainda se vê nela metas **TEOlógicas**.

Última conjecturação: Por que será que tantos de nós ainda aderimos a “pensamentos mágicos” e a “pensamentos crédulos”, apesar de ambos parecerem INCERTOS? Será porque, apesar de todo o progresso “civilizado”, ainda estamos condicionados por heranças atávicas de “primitivos”, que trazemos de tão longe? Ou será porque AS FÉS, apesar de tanta diversidade e até bizarrices, contêm consistências objetivas que resolvem as incertezas? **DÁ O QUE PENSAR...**

O geneticista Dean Hamer chegou ao gene VMAT2 e disse que a espiritualidade é uma das heranças genéticas humanas fundamentais, um instinto, e apelidou de “Gene de Deus” um conjunto de genes que seria responsável pela predisposição genética para a espiritualidade.

## MAGIA

Arlete Sylvia

Quem não conhece a mística Brasília  
Não conseguirá jamais me entender.  
O seu crepúsculo ao entardecer  
É uma renovação a cada dia.

Ao fitar esta terra deslumbrante,  
Pude sentir sua magia me envolver;  
E pensei... “Que lindo te conhecer!”  
E transformei-me logo num mutante.

A tênue luz do dia que se apaga  
Aos poucos se transforma por encanto  
Quando a noite desponta com seu manto.

E a mágica beleza continua,  
Com sua arte de a todos fascinar  
Encantadora... e convidando a amar.



# "LIBERDADE! LIBERDADE! ABRE AS ASAS SOBRE NÓS!" \*

Sandra Maria

Corona vírus, a opressão moderna  
Mais um tropeço na história da humanidade  
Somos aquele mesmo ser intimidado  
morando no escuro da caverna?  
Com o presente atualizando o passado  
como se dará a emancipação do agora?  
Seria diferente o som de ontem e de hoje  
do homem oprimido  
que chora?

Quem escreverá a história desta vez?  
Entre a verdade e a mentira  
a saída do impasse  
será enfim o olhar dos vitimados  
vindo de baixo  
pois desta vez não há dominadores  
para olhar por cima  
Estamos todos vencidos e subordinados  
igualados em uma mesma classe

Finalmente um direito humano  
está quase universal  
pela perda de um dos vértices do triângulo  
a *liberdade*

Mas o vírus não leu direito  
todo o texto da declaração  
e se esqueceu do segundo suporte  
a *igualdade*

Na ideologia pandêmica  
como estamos agora  
nós  
as muitas espécies de humanos?

Isolados atrás de cortinas janelas grades  
amedrontados espreitando o que não se pode ver  
ou escondidos como ratos em esgotos  
mirando sorratamente  
pelas frestas das tampas dos bueiros  
ou como minhocas na terra  
se resguardando com medo do dia?

Há uns poucos que estão hibernando  
ou em sono invernal  
saciados confortáveis aquecidos

Outros  
semelhantes a escravos  
encerrados na imundície  
dos porões dos navios negreiros  
sem saber nem o porquê

Muitos em campos de concentração  
perseguidos pela intolerância e o preconceito  
morrerão  
antes do armistício

Outros  
em tendas de refugiados  
ou asilos políticos  
onde a pátria foi só uma passada  
ao longo do caminho  
e onde o nada  
é o que resta para o futuro

Outros  
criaturas inocentes  
assustadas  
se escondendo  
dos ataques aéreos  
nas profundezas úmidas  
dos abrigos subterrâneos

Outros  
prisioneiros sem luz  
no fundo do túnel  
sentenciados e condenados  
aguardando clemência  
na fila do corredor da morte

Outros  
náufragos  
cativos em botes  
no meio das águas  
à mercê das ondas salgadas  
e do infinito perverso do mar

Outros  
acorrentados em asilos  
engasgados pela ausência  
de elos de amor

Outros  
encarcerados na angústia  
das notas sem som de Beethoven  
do claro-escuro de Goya  
do estalo da pistola de fogo de Hemingway  
do "O grito" de Edvard Munch  
(que ninguém ouviu)  
da "A redoma de vidro" de Sylvia Plath  
(que só a dor incontável conseguiu quebrar)

E o que vai acontecer ao homem  
depois do ciclo da incubação

dos ovos da tartaruga  
enterrados na areia  
e os da avestruz em buracos no solo?  
E depois da letargia do sono estival  
de sapos e peixes  
para fugir dos desafios das intempéries?

E depois que o astronauta  
deixar a solidão do espaço sem fim  
e a restrição da nave  
e retornar à terra?  
E depois que as monjas  
abandonarem a clausura monástica do mosteiro  
e da paz do silêncio místico?

O que faremos depois?

Quando José sair do fundo do poço  
Daniel sair da cova dos leões  
Lázaro sair da sepultura  
e Jonas sair de dentro do peixe?

Vamos rever a história de um passado opressor  
em que o homem genocida  
confinou e matou gente  
sem piedade ou pudor  
ou vamos permanecer em guerra  
nos protegendo em casamatas  
blindadas e fortificadas  
deixando esquecida  
a terceira perna do tripé  
e nos perguntando cinicamente  
enquanto mancamos  
"O que é *fraternidade*?"

Se  
pela virulenta lição  
de um inimigo invisível  
não alforriarmos os escravos inocentes  
não soltarmos os prisioneiros injustiçados

e se os barcos à deriva não chegarem seguros aos portos  
e se as raízes encobertas não irromperem fortes do chão  
e se a vida do planeta não ressurgir saudável após o caos

continuaremos como bárbaros da antiguidade  
na era contemporânea  
acobertados pela máscara  
de uma civilização  
cruel e risível?

\* Verso da letra do Hino da Proclamação da República

# SONETOS ITALIANOS

Márcio Catunda

## AGOSTINHO, O TEÓLOGO

Foi Agostinho brilhante devoto  
de Mani, antes de se converter.  
Um Deus de amor jamais lhe foi ignoto.  
A fé no Cristo, como um renascer,

fez brotar em seu mundo a flor de loto  
da transformação: crer para saber;  
Eis a verdade que vem de um remoto  
e alto astral que fundamenta o ser.

Em Roma, a vocação de escritor  
floresceu e em Hipona teve a prova  
de ter a luz e o dom da Vida Nova.

Sagrou-se no caminho redentor;  
livrou-se assim da pavorosa sova,  
com retidão, aos pés do Salvador.

## A ACADEMIA PLATÔNICA DE FLORENÇA

Na Florença dos sábios humanistas,  
existiu uma egrégia Academia,  
que os Médicis, mecenas dos artistas, fundaram,  
á luz da filosofia.

Ficino, nas ciências hermetistas,  
das estrelas e dos homens, dizia,  
que tudo gira pelas mesmas pistas,  
que um Deus de Amor traçou por esta via.

Della Mirandola, o cabalista,  
falou dos Sephitot, a fonte viva  
do bem e da beleza rediviva.

Botticelli também foi voz ativa,  
na culta confraria renascentista,  
que do alento dos arcanjos não dista.

## MEMÓRIA DE ROMA

Na Roma das orgias e dos vícios,  
mais de um pecado cometi, nefando.  
Vi Nero praticar seus estropícios;  
casar-se com dois homens, delirando.

Com Calígula, cantei num comício;  
num bacanal jantei com Domiciano.  
Passei por libertinos desperdícios.  
Aos poucos vim na paz me lapidando.

Fui catecúmeno nas catacumbas,  
pelos apóstolos chorei nas tumbas.  
Vi dos palácios erguerem-se igrejas.

Assisti aos martírios e às pelejas  
dos primeiros adeptos de Jesus,  
na longa caminhada até a luz.

# CRÔNICA DO MEU CORPO

Cícero Avelar F. Sá

Tudo aconteceu no período matinal, enquanto eu estava pedalando com a minha bicicleta, no parque da cidade, em 20 de agosto de 2021. De repente começou a passar um filme na minha mente, em que desfilavam meus membros superiores e inferiores, meus órgãos internos e aí a minha mente começou a andar rapidamente, num vai e vem de assuntos diferentes e até antagônicos. Eles falavam que esta pandemia trouxera muitas novidades para o comportamento habitual, tendo sido modificados alguns desses comportamentos, outros até deixados de lado, mas que no final havia criado um grande desconforto, porque tudo mudou muito de repente. O primeiro de todos a reclamar foi o estômago. Ele disse que a ansiedade surgida dessa situação fez dele uma máquina incansável, que não conseguia parar, porque a todo momento estava recebendo insumos, isto é, alimentos para serem processados. E assim, ele não estava descansando quase nada, não havia mais tréguas nem no período noturno. O tempo todo é só trabalho, trabalho e trabalho. Bem próximo do estômago veio o fígado. Ele argumentou um tanto insatisfeito, porque da mesma maneira estava assoberbado, não lhe sobrava tempo para descanso, pois toda hora o estômago empurrava tarefas para que ele concluísse, e porque não poderiam ser postergadas, sob o risco de causar um atolamento na máquina e aí o prejuízo seria bem maior. Seguindo a via produtiva os intestinos também resmungavam diante de tanto acúmulo de materiais para serem separados e enviados aos respectivos destinos. Eles sabiam que todos os demais órgãos precisavam receber suas parcelas de nutrientes para continuarem fazendo parte do processo da vida e que deveria ser rápido. Que esses ingredientes precisavam ser colocados no sangue para serem levados a todos os demais órgãos, sob o risco de causar um desastre vital. E, se esse processo fosse interrompido por um pequeno período qualquer, o prejuízo poderia ser incalculável e talvez até irreparável. E assim foram desfilando um por um os trabalhadores anônimos, pâncreas, baço, vesícula, rins e bexiga, chegando-se aos grandes: pulmão e coração. Todos se articulando questionadores e reclamadores, porque enquanto isso o dono deles não fazia nada, só ficava muito tempo observando o tempo e reclamando, sem nada fazer além de comer, dormir, acordar e comer de novo e dormir. Mas como todos tinham suas justificativas, os intestinos, o coração, o pulmão e a bexiga estavam se sentindo sobrecarregados. Diziam que já não tinham nenhum momento para repouso, e porque não paravam em momento algum, não sabiam se iriam aguentar todo esse arrocho. Precisavam também de um pouco de lazer para se distraírem, poderem substituir as tristezas pelas expectativas de tempos

melhores, senão o prejuízo seria na certa e estava quase iminente. Alguns de grande importância não se pronunciaram de pronto, por causa da sua cautelosa prudência e suma seriedade para o organismo humano.

Nesse meio tempo vieram os membros superiores para fazerem seus apontamentos, suas queixas e lamentos. Os braços reclamavam da falta de exercícios, e que estavam muito flácidos, porque a situação impedia que eles pudessem frequentar os ambientes que estavam acostumados e lá existiam os aparelhos que os mantinham firmes, seguros e resistentes aos baques que fossem aparecendo. As pernas lamentavam que o peso estava muito grande, que só aumentava a cada dia. A falta de atividades contribuía para o aumento da carga. E assim, o que antes era fácil de transportar, agora demonstrava um aumento a cada dia. E assim, foram sendo catalogadas as observações de cada um, para uma possível discussão em grupo, e a busca de uma solução digna e confortadora para todos os trabalhadores, com o objetivo de poderem alcançar uma solução digna, confortante e de esperança para todos. O cérebro deixou para falar por último, porque ele possuía tarefas de coordenação, de programação, de defesas, e de estatísticas, e que necessitavam de um melhor estudo, que além de serem bastante acurados, também precisavam ser correlacionados aos acolhimentos, aos lucros e prejuízos que cada componente do grupo de trabalhadores que realizavam suas atividades interligados e eram responsáveis entre si, pudessem se beneficiar ao final. Tudo tinha sua lógica. De nenhum deles poderia ser tirada a razão, porque se tratava de uma novidade. E esta novidade nasceu do outro lado do planeta, bem distante, mas que chegou até nós com muita força e trazendo devastadora demolição. Esses reclamos me fizeram ver que mesmo quando não entendermos o que está acontecendo, que as novidades parecerem querer nos alijar de uma realidade bastante repisada dentro de nós, por serem tão repetitivas, e que talvez pensando com o olhar voltado para o passado, fiquemos atrapalhados, confusos e desesperançados. O antídoto que precisamos é o otimismo, a perseverança e a esperança de que iremos conseguir mudar para uma melhor e a recomendação é seguir com força e fé.

Enfim, após a efetivação dos registros, a manhã seguiu seu curso com a mesma naturalidade, e aquele momento que à primeira vista seria de muita calma, realmente pôde ser usufruído com as brisas matinais daquele saudável parque, que além de nos propiciar momentos de riquezas para os nossos olhos, também nos enche e tonifica a alma com as energias que a natureza nos entrega de mãos beijadas.

# O FRIO

Raquel Naveira

**N**aquela noite, num sítio em Ibiúna, região fria de neblina, sentamo-nos em poltronas macias em frente à lareira. Unidos, homem e mulher, diante das chamas, no centro da vida, na proteção de uma casa distante, entre vinhedos. O fogo dançava, lambia os tijolos do forno, fazendo desenhos mágicos de estranhas salamandras estalando suas peles.

Lembrei-me de uma cena do filme *Doutor Jivago*, baseado no romance do escritor russo Boris Pasternak (1890-1960), detentor do Prêmio Nobel de Literatura. Conta a história de um médico aristocrata, o Doutor Jivago, interpretado por Omar Sharif, cuja trajetória remonta aos horrores da revolução na Rússia, no início do século XX. A princípio ele apoia o movimento, depois se desilude com o socialismo. Envolve-se com a enfermeira plebeia, Lara, a bela loira de olhos azuis, a atriz Julie Christie. Entre dramas de consciência, adversidades e perseguições, refugiam-se numa choupana coberta de neve. Soam os acordes de uma música inesquecível: o *Tema de Lara*. Os amantes esquecem-se da guerra, do medo, do frio, entregando-se, corpos e almas, com desespero e ternura, em frente à lareira.

Se há povo de temperamento marcado pelo frio intenso é o russo. O chamado General Inverno sempre teve relevância em eventos ao longo da

história da Rússia. Por cinco meses seguidos as temperaturas são baixas e o transporte difícil. O exército do Imperador Napoleão (1769-1821) foi fustigado pelo inverno rigoroso. Corria o ano de 1812. Rumaram em direção a Moscou. Os russos retiraram-se usando a tática de “terra queimada”, arrasando plantações, aldeias, deixando para trás os inimigos, que ocuparam uma cidade deserta e em cinzas. Os franceses foram obrigados a bater em retirada. Napoleão enfraquecido, humilhado, perplexo. A grande armada destroçada, caminhando sob neve pesada. O frio penetrando nas roupas esfarrapadas dos soldados exaustos. Milhares de homens congelados nas estepes luzidias como espelhos. Era o fim do sonho napoleônico.

Transporto-me para a exótica Moscou. Estou perto do Kremlin, que abriga a residência do presidente e os tesouros czaristas. Caminho pela Praça Vermelha com suas cúpulas que parecem doces ou sorvetes coloridos. Atrás de mim, a Catedral São Basílio. Por todo lado paredes de terracota, ruas radiais que se cruzam, torres, monastérios, palácios. A neve formou um tapete branco. As pessoas deslizam sobre patins de prata vencendo as longas distâncias entre os edifícios. Usam chapéus grossos e quentes de abas nas orelhas. Casacos de feltro preto cobrindo as botas de cano alto. As mulheres, de faces rosadas, escondem os cabelos com xales roxos e carmesins. Quem é aquele homem elegante, com gola de urso? É Aliôcha, saído do romance *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski (1821-1881). Aliôcha, aquele que personifica o cristão, livre de pecado, cheio de amor, misericór-

dia e compaixão. Queria tanto falar com ele e revelar-me a mim mesma, mas ele escapa como um foguete. E aquele outro de semblante encovado e olhos injetados de sangue? É Raskolnikov, personagem do livro *Crime e Castigo*, também de Dostoiévski, o gigante da literatura russa. Raskolnikov está em colapso mental, com remorso por ter ousado assassinar alguém para defender suas torpes ideias superiores. Passa por mim como um raio. Em breve pagará o preço de ser descoberto e gerará na prisão. E aquela mulher misteriosa, de saia preta e avental dourado, carregando uma valise na mão? É Anna Karenina, a adúltera descrita por Tolstói (1828-1910), desafiando princípios e valores, correndo em direção à estação. Deixo-a correr atrás do último trem. Estou sozinha, com os livros ardendo em meu peito, numa geada de epifanias, em plena Moscou.

Volto meu espírito à sala do sítio de Ibiúna. Faz frio. O inverno veio nos buscar. Cruzou estradas e rios. Sofrimentos e cansaços nos fizeram compreender melhor os nossos sentimentos e os daqueles que amamos, filhos e netos gerados através dos ciclos e estações. A lareira nos aquece. Sorrimos um para o outro, resignados e cordiais.

## A POESIA NÔMADE DE MAÍLSON FURTADO

Noélia Ribeiro

**E**m *Nômade*, uma compilação de poemas escritos antes do premiado *à cidade*, Mailson Furtado, com igual maestria, conduz-nos de volta a sua origem: o município de Varjota, presença temática importante como representação metonímica do mundo, ao mesmo tempo, “minúsculo” e vasto. Daí a feliz escolha pelo título da obra, que, graças à habilidade do poeta na composição de imagens, logra inserir o leitor na urbe-mundo para testemunharem juntos o movimento de “tantas pernas que vão e vêm” (pág.13) e “rodas que buzinaem pressa” (pág. 19), em ruas onde “mariposas tomam a luz dos postes” (pág. 20).

Além da cidade, com suas contradições e seus personagens anônimos, o livro alude a outro tema relevante: o tempo, senhor do “relógio que engole as horas” (pág. 30) e protagonista de versos primorosos: “o meu futuro diminui/como meu passado cresce/o presente anda comigo/no de-novo que amanhece” (pág. 27). De igual modo, merecem destaque os poemas que traduzem a inquietude do poeta no ensejo da criação: “se eu mudasse o caminho/que segui/?não sei não sei/só sei desse verso/que não estaria aqui” (pág. 42).

Aos leitores que adentrarem a poesia nômade de Mailson Furtado, recomendo buscar um local confortável para proceder à leitura, pois dificilmente irão levantar-se antes de terminá-la.

Não resta dúvida de que “a poesia ficou satisfeita”.

## DAS AMIZADES DISTANTES

Mailson Furtado

o poeta escreveu algo  
que agora não lembro de cor  
mas o li  
outros também  
e depois outros e outros e outros  
epararipararararara

ficou famoso  
saiu no jornal  
fez pose de importante  
e a vida voou voou

fiquei amigo dele  
até o matarem  
no século dezenove

# CARTA ABERTA AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

*Edmilson Caminha*

Senhor Milton Ribeiro,

Não o tratarei por “excelência”, palavra que tem a raiz (certamente o senhor não sabe) de “exceler” (ou “excelir”), sobrepor-se ao comum por uma qualidade. Para mim, o senhor não excele em nada. Excelências somos os servidores do Estado (não de governos) aprovados em concursos públicos de provas e títulos. Não tenho a menor ideia dos interesses e dos conluios que o levaram ao Ministério que já coube a homens (esses, sim, excelências) com a grandeza de Gustavo Capanema, Pedro Calmon, Abgar Renault, Darcy Ribeiro, Pedro Aleixo, Eduardo Portella, Marco Maciel, Hugo Napoleão, José Goldemberg, Cristovam Buarque, Fernando Haddad e Renato Janine Ribeiro, nos tempos em que o ministério foi da Educação e Saúde Pública, depois da Educação e Cultura e, hoje, mal consegue ser apenas da Educação. Um dos ex-ministros, Capanema, teve como chefe de gabinete ninguém menos do que o poeta Carlos Drummond de Andrade (de quem o senhor provavelmente nunca ouviu falar). Outro, Darcy Ribeiro, ao receber, em 1978, o título de *Doutor Honoris Causa* da Sorbonne, fez um dos mais belos e comoventes discursos já proferidos naquela universidade, quando afirmou, com sabedoria e grandeza humana: “Fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.” Quanta diferença, hem, ministro, entre o Ribeiro de ontem e o de agora...

Esclareça-se que o chamo de “senhor” apenas por educação, à falta de termo que signifique menos. Emprego-o sem o menor sentimento de consideração, de respeito, a que só faz jus quem de fato o merece. Que consideração, que respeito se devem ao responsável pela educação no País que, como o insano presidente, não comparece à reinauguração do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo? Participante de um governo que, não por acaso, põe à venda a antiga sede do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, patrimônio da história e da cultura brasileiras? “Já que não nos podemos ver livres da educação, leiloe-se, pelo menos, o prédio...”, talvez seja a resposta cochichada nos subterrâneos do poder. O fogo tem feito sua parte: Museu Nacional, Cinemateca Brasileira... Depois, quem sabe, aquele depósito de livros velhos que Dom João VI trouxe para cá. Com a Biblioteca Nacional a arder em chamas, a obra estará completa.

Recentemente, ao enaltecer os institutos federais de educação, ciência e tecnologia, o senhor assumiu a defesa da “universidade para poucos”, à custa de um argumento primário: engenheiros e bacharéis em direito são, hoje, motoristas de aplicativos, como se o fossem não por absoluta necessidade, mas por simples opção. Volte-se, assim, ao tempo dos cursos superiores só para a elite branca das escolas particulares, como traduz a jornalista Eliane Cantanhêde o aranzel ministerial.

Em Cuba, quando lá estive no ano de 2006, conheci um taxista ex-professor da Universidade de

Havana, físico nuclear com doutoramento na Rússia. A questão vai, pois, além de ideologias à direita e à esquerda para mostrar-se de natureza essencialmente econômica, a depender de políticas de longo prazo (do Estado, não de um ou de outro governo) que assegurem a contínua geração de emprego e de renda. Com estabilidade política, desenvolvimento econômico e justiça social, sempre haverá lugar para todos – técnicos de nível médio, formados em universidades e pós-graduados, sem que ninguém se frustre por estudar direito romano ou resistência dos materiais para exercer a profissão de motorista, honrosa como qualquer outra.

Problemas complexos resolvem-se, às vezes, com atitudes simples. Deixe-me contar uma história do seu xará Milton, sobrenome Campos, político ilustre que governou Minas Gerais de 1947 a 1951. Com os ferroviários da Rede Mineira de Viação em greve na cidade de Divinópolis, a requerer salários que não lhes eram pagos, ouviu do comandante da Polícia Militar:

— Excelência, acho que devemos enviar uma tropa de choque para reprimir essa paralisação, que já ameaça espalhar-se por outros municípios!

E o governador, sábio como deveriam ser todos os homens públicos:

— Coronel, não seria melhor mandar o trem pagador...?

Pois é, ministro, o senhor bem poderia pôr um trem assim nos trilhos da nossa educação, com dinheiro para o pagamento digno dos professores que recebem salários de fome. Assim fizeram sociedades desde sempre submetidas à pobreza, à dependência e à miséria: investiram em um sistema educacional de boa qualidade, acessível a todos, segundo os projetos de cada um, independentemente da condição social, dos valores individuais e das limitações que possam diferenciá-los no grupo de que sejam parte. Afinal, como escreveu o jornalista Gilberto Dimenstein, “educar é ensinar o encanto da possibilidade”. Daí a importância da educação inclusiva (contra a qual o senhor já se declarou), começo do longo e demorado processo em que aprendemos, mais do que a viver, a conviver, “viver com”, a aceitar diferenças que nos enriquecem como pessoas e nos fazem melhores como humanidade. O verso da moeda todos conhecemos: a discriminação, a intolerância, o radicalismo, caldo de cultura em que se choca o ovo da serpente de onde vieram o horror da inquisição e o pesadelo do nazismo.

Como professor de colégios e de cursos pré-vestibulares em Fortaleza, tive alunos com deficiências visuais, auditivas ou intelectuais que me deram comoventes lições de vida, de determinação, de autoconfiança. Em conversa com um deles, totalmente desprovido da visão, surpreendi-me ao saber que alertava motoristas de táxi quando deixavam de virar à esquerda ou à direita no trajeto para casa. E ele, sábio: “Ora, professor, o cego é apenas uma pessoa que não vê...” Assim, penso, devem ser tratados todos os estudantes – todos, sem exceção de nenhum –, especialmente os da educação infantil, da pré-escola, do ensino fundamental, com os quais o senhor enganosamente se preocupa, ao declarar que, do total de 1,3 milhão de crianças atípicas nas escolas públicas,

12% mostram um grau de deficiência que lhes impede conviver com os outros colegas.

Pergunto-lhe de onde veio essa porcentagem. Talvez do “Data Bozo”, esse instituto de pesquisa segundo o qual os brasileiros vivem no melhor dos mundos. A valer a estatística, 156 mil pequenos brasileiros com déficits que dificultam a aprendizagem, como autismo e síndrome de Down, devem ser condenados à segregação, ao isolamento, para não “atrapalhar” as turmas. Sentimento assim tão desumano e obtuso não o faz, ministro, sequer original: houve um tempo (quem estudou História sabe) em que meninos e meninas ditos “anormais” muitas vezes chegavam à idade adulta presos em alcovas, enjaulados como bichos, razão de sofrimento e de vergonha para a família. À falta de estudos que possibilitassem diagnósticos e tratamentos, eram estigmatizados como castigo dos céus, quando não como possessos, sob o poder do demônio. Pois bem, ministro: com toda essa “pedagogia moderna” que o senhor luta por resgatar, nem assim o Brasil melhorou, e deu no que deu, um imenso manicômio a lembrar a Casa Verde, na história de Machado de Assis: o povo preso como se houvesse perdido a razão, enquanto o presidente alienado é o único perigosamente solto, a passear de moto...

Em 2011, Ana Maria e eu ganhamos da filha Mariana e de Alexandre o primeiro neto, Fabrício, diagnosticado com o transtorno do espectro do autismo. Hoje com dez anos, é uma linda criança, cheia de vida e de luz, inteligente, carinhoso, alegre, a partilhar o amor da família com o irmão Santiago, três anos mais novo. Aluno do Colégio Maria Montessori, em Brasília, impressiona pela excelente memória e pela aptidão para aprender outras línguas, sobretudo o inglês, que pronuncia com perfeição.

Dele, todos recebemos lições de afeto, de doçura, de humanidade, com a pureza e a inocência com que Deus se faz sentir nas crianças. Vive feliz no seu mundo de fantasias e de sonhos, a concordar, embora sem saber, com Shakespeare: a história dos que se chamam “normais” é cheia de som e de fúria, sem significado nenhum. Fabrício não atrapalha ninguém, diferentemente de tantos adultos – até ministros de estado! – que reduzem Didi, Mussum e Zacarias a pobres amadores. Os verdadeiros “Trapalhões” são eles, que não se cansam de lutar contra o amanhã que queremos para Fabrício. E é tão pouco: apenas um futuro em que a dignidade, o respeito e a justiça deixem de ser privilégios de poucos e se tornem, definitivamente, direitos de todos.

No século passado, disse o pensador John Kenneth Galbraith: “Sonho em viver em um mundo onde os professores das escolas tenham mais poder político do que os generais”. Pelo andar das carruagens há pouco em desfile na Esplanada dos Ministérios, vamos precisar de paciência, não é, ministro? Ainda bem que sonhar não custa nada, a não ser que a reforma tributária, em tramitação no Congresso, invente mais um pesadelo, disfarçado de “imposto onírico”...

Atenciosamente,

*Edmilson Caminha*  
Avô do Fabrício